



Dois inéditos

de

ALVES REDOL

Alinhavos para uma auto-biografia

Ainda em África deu a malária comigo (...)
Regressei aos dezanove anos, em terceira classe, como para lá fora, mas já não era o mesmo: parti com a esperança e voltei com uma anemia. Uma coisa séria. Por causa disso não pus as grevas e as correias de soldado, o que me fez muita falta, dirão alguns.

Hoje estou curado de anemia, mas não me curei da esperança.

Talvez porque em poucos anos visse desaparecer do meu mais próximo enquadramento familiar, cinco tios, três irmãos, e o meu avô Venâncio Alves, ferreiro de ofício e poeta de desgarradas, pensei ser médico e disse-o um dia, quando em menino me perguntaram que carreira queria seguir. Hoje sou o senhor doutor para as criadas dos meus amigos doutores, enquanto lhes não explico que sou simplesmente Redol.

Aprendi a vender mercearias, também cortei panos numa loja de fazendas, pesei pão, fiz embalagens para pacotes de cevada, que se chamava santa, não sei porquê, e fui viajante de torrefacção de cafés numa pequena área da minha região.

Sim, nasci em Vila Franca de Xira, aqui à babugem do Tejo, nome que só aprendi na corografia da escola, pois sempre lhe chamei Mar. Em Vila Franca, e em 1911, mais concretamente em 29 de Dezembro de 1911, num prédio pobre de segundo andar da então Rua do Açogue.

Estive internado num colégio de Lisboa, ali para a Junqueira, durante quatro anos, e saí de lá com um rectângulo de cartão a atestar o meu curso elementar de comércio. Entretanto, ajudei missa a dois padres, fiz parte da púrria do Adro, tive a boa companhia de filhos e netos do João Cigano, acamaradei com padeiros e fui jogador famoso com bola de trapo. Saí muito temporão, nos amores, mas isso não é história para aqui...

Ao sair do colégio de Lisboa trabalhei no escritório do meu pai durante alguns meses, onde revelei pouca tendência para o Deve e o Haver. Andava de noite como os gatos, fazia serenatas a solo ou em coro, perdia-me em bailes e namoricos por Alhandra, onde havia belas raparigas, belas e feiticeiras, e o

meu pai achou que não gastara o seu dinheiro para tais andanças. Atrasei-lhe a escrita. Disse-me coisas amargas.

Foi então que parti para Angola. Tinha dezasseis anos. Ainda hoje lembro. E dos meus companheiros de beliche embriagados de sonhos. Um deles, um sapateiro, levava no porão algumas malas com calçado, além de outras duas, no camarote, só com travessas e pentes. Fazia contas ao que levava, não sei que contas eram aquelas, mas quase ficava rico. O enjoo pegou-lhe à saída de Lisboa e ainda hoje me pergunto, se o homem não levantava a cabeça do travesseiro por causa dos balanços do barco ou se as lhe davam por mor dos lucros imaginados.

Cheguei a Luanda, à noite. O peso da amargura caiu em mim como poucas vezes.

Aí fiz durante seis meses o curso de desempregado e de mendigo de trabalho. Desembarcava com cinquenta escudos e uma garrafa de vinho do Porto. Vivi uns meses em casa de um amigo. Mais tarde especializei-me em dormir numa cadeira de viagem emprestada; um tempo antes arranjaram-me um lugar de assalariado nos serviços de Fazenda — funcionário público, pois então! —, e daí transitei para uma organização que vendia camiões e automóveis, pneus, óleos e outras coisas do género.

Especializei-me em pneus. Fui um bom vendedor de pneus. E aí me encarregaram também da publicidade nos jornais e das exposições nas montras. Fiz o meu lugar. Aos dezoito anos ofereciam-me a gerência de uma filial em Nova Lisboa, que fui obrigado a recusar por falta de idade. Para ganhar a vida dissera que tinha vinte e três anos quando para lá entrei, e depois foi o diabo para me ver livre da gerência. Esquecia-me de contar que fui professor numa escola nocturna. O director da escola era um açoreano, homem de boas letras, um tanto bizarro, que passava os dias a falar-me de uma grande paixão. Aí ensinei estenografia durante três meses.

Já que falo de professorado, devo recordar que regii um curso para rapazes vândios da minha terra e que leccionei português e noções gerais num sindicato operário, onde pouco ensinei e muito aprendi. Andava pelos vinte e um anos. Nessa altura encontrei grandes amigos, cuja amizade nunca perdi ou enjeitei.

Ainda em África deu a malária comigo. Estava numa «república», a morte rondou-me durante seis meses e nunca mais posso esquecer a devoção de um amigo alentejano, o Rato, meu enfermeiro dedicado durante toda a doença. Para me dar de comer roubou galinhas.

Regressei aos dezanove anos, em terceira classe, como para lá fora, mas já não era o mesmo: parti com esperança e voltei com uma anemia. Uma coisa séria. Por causa disso não pus as grevas e as correias de soldado, o que me fez muita falta, dirão alguns.

Hoje estou curado de anemia, mas não me curei da esperança. Entretanto, voltei durante um ano ao curso de desempregado, que troquei depois por um lugar de guarda-livros no Cartaxo. Uma doença grave tirou-me dos balancetes e colocou-me na disponibilidade para morrer.

Foi apenas não ter ido dessa, dirão os meus devotados inimigos. Antes disso, aos vinte e quatro anos também estive para fazer essa viagem, mas a morte achou que nessa altura podíamos passar bem um sem o outro; espreitou-me na enfermaria do hospital de S. José, falámos ambos durante uns dias, e há alguns anos, poucos, voltei a encontrá-la no mar da Nazaré quando ia no bote do meu arrais, o arrais José Formiga Peixe, à pesca do alho na Calna do Noroeste.

No intervalo destes encontros com a morte fiz várias coisas: matei a cabeça com balancetes, geri uma tipografia, comprei papéis em branco e vendi papéis impressos, andei metido no cinema — cruzes, canhoto! —, fiz de chanceler emprestado numa representação consular, fui sócio de uma padaria com meu pai e depois industrial de coisas pesadas. Meti-me em produtos de cimento que é matéria prima de presa fácil. E ia lá deixando o espírito, depois de lhe ter dado o corpo durante alguns anos e ainda o dinheiro que amealhei a vida inteira para a velhice. Depois meti-me na publicidade e dou argumentos de venda, slogans, planos de campanhas, aos que querem vender mais.

Escrevi até agora quase trinta livros, entre os que publiquei e os outros. É um bocado de trabalho. Gosto de trabalhar e daí o dar desgostos aos que desejam expulsar-me destas lidas da literatura. Se calhar têm razão; mas esses devem compreender que um homem habilitado com tantos cursos, há-de, por força, empregar o tempo nalguma coisa do seu agrado.

Um amigo, no outro dia, chamou-me engenheiro; julguei que ainda era piada ao cimento. Nada disso, explicou-me com empáfia: um escritor pode ser um engenheiro de almas. A comparação nobilita, mas julgo não caber nos limites do meu trabalho. António Alves Redol, sim, isso sou de certeza. O que não me tem dado muito jeito, devo confessá-lo: não sei se pelo António, se pelo Alves, se pelo Redol, ou se pela junção dos dois últimos que não soam muito bem...

De qualquer maneira, o meu nome não agrada a muito boa gente. Paciência! Já agora não arranjo outro. Também há quem não goste do amarelo e amarelos não faltam por esse mundo fora, mesmo sem contar com os chineses, que são muitos. E, vamos lá, Redol com este defeito de escritor há um na família.

Já fiz conferências e não só de facturas. Das outras... Palestras: em aldeias como À-dos-Loucos, em vilas como o Barreiro, em cidades como Paris. E em toda a parte deixei amigos. É o que me vale. No convívio com Bento Caraça, catedrático, alarguei as lições de coerência e de bondade que aprendera com Francisco José de Góis, barbeiro de ofício. Já acompanhei o António Cambão que é cigano e o Picasso que é pintor. Andei pelo Sena com Éluard, poeta, e no Tejo com o Tanninca, barqueiro. Tive sempre grandes e bons amigos, tanto entre camponeses e escritores, como entre operários, pescadores e artistas de boas e malas-artes.

Isto faz de mim um homem quase feliz, embora o não pareça, por este feitiço mazombo que herdei da banda de minha mãe. Talvez para me compensar de certa misantropia, agradam-me as viagens. Foi prazer arranjado em pequeno, quando acompanhava o meu avô Venâncio a vender ferraduras e canelos, ou o meu avô João Redol os queijinhos e o pão de milho, que outros não se comiam mais saborosos por Tomar.

Viajo sempre que posso e sempre que me deixam. Já passei o meu bocado.

Um escritor, a dizer a verdade, viaja todos os dias no seu quarto de trabalho. O que é compensação para as muitas desventuras do ofício. Um ofício em que não cheguei, sequer, a oficial, embora ante na arte há mais de 25 anos. Mas o trabalho não se adoça como as farófias e há que tomá-lo a sério, pensando sempre que em cada livro se deve regressar à humildade do aprendiz. No meio de tanta carência, só nunca me faltou uma coisa — grande vontade para aprender.

Dentro de dois meses vou regressar aos abismos do papel branco. De novo, recriarei muito da minha experiência pessoal, caldeando-a com imaginação, no trato das gentes, das vivências, dos conflitos, dos dramas, vivendo eu também o drama do escritor que nunca deixa de interrogar a vida e de se interrogar a si mesmo.



ILUSTRAÇÃO DE PAVIA PARA «FANGA»